

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - GEOGRAFIA

**CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA, MODERNIZAÇÃO GEOGRÁFICA E
GEPOLÍTICAS DE TRADUÇÃO NO ESTADO NOVO: O CASO DO
BOLETIM GEOGRÁFICO DO IBGE (1943-1945)**

Arthur Da Silva Barcelos (arthurbarcelos07@gmail.com)

Esta pesquisa visa acessar a história da geografia sob um ângulo pouco explorado no Brasil tanto em termos de objeto quanto de método: o das línguas e das traduções baseado na decolonialidade e nos translation studies. Para tanto, selecionamos o Boletim Geográfico do IBGE durante o Estado Novo (1943-1945) e identificamos uma questão de vulto: a ocorrência de uma intensa política editorial multilíngue de circulação científica por meio de diversas traduções. Durante sua circulação no Estado Novo de 1943 a 1945, o BG publicou, em seus 36 números, 26 traduções, 17 autores traduzidos (destaque para Pierre Deffontaines com 8 aparições e apenas 2 mulheres traduzidas), 4 idiomas diferentes (12 vezes francês, 6 vezes espanhol, 7 vezes inglês e 1 vez alemão), 7 tradutores envolvidos (destaque para Orlando Valverde com 14 traduções) e 1 revisor de tradução. Uma vez desnaturalizadas e tratadas como objetos geográficos, as traduções ajudam a iluminar várias camadas ao mesmo tempo: elas são uma forma de atualizar o campo geográfico e de atrair leitores junto a um público mais amplo, mas, também, um modo de preencher lacunas bibliográficas em língua portuguesa – questão recorrente à época e, principalmente, para o BG devido à sua natureza bibliográfica –, de materializar redes de intercâmbio e de chamar atenção para o trabalho editorial do CNG. Fundindo as reflexões de Benedict Anderson às de Naoki Sakai, podemos dizer

que em nome de uma « comunidade imaginada » o « capitalismo editorial » estadonovista põe de pé um instituto de geografia e estatística almejando a modernização da administração governamental através da ciência, patrocina a vinda de intelectuais estrangeiros, apropria-se de suas expertises na fundação das primeiras universidades e traduz suas respectivas produções científicas em um periódico de alcance nacional, além de mandar para o estrangeiro geógrafos que, ao regressarem ao país, passam a atuar como tradutores de geografia no âmbito do « moderno regime de tradução » brasileiro (Anderson, 2008 [1983]; Sakai, 2010). No interior de um regime autoritário e em plena Segunda Guerra Mundial, o Boletim Geográfico operou uma política multilíngue capaz de fazer convergir o nacionalismo monolíngüístico defendido pelo Estado Novo e o internacionalismo idiomático derivado das redes de cooperação estrangeira e das capacidades de tradução dos geógrafos do CNG no interior da geopolítica do conhecimento. As traduções do BG podem ser entendidas como uma maneira de transformar, de « adaptar » o internacional ao nacional atendendo, assim, tanto ao nacionalismo linguístico e territorial perseguido por Vargas quanto à modernização científica empreendida pelo CNG. O conjunto dessas questões aponta para a importância de considerarmos a dimensão idiomática como um elemento central na história da geografia de um país periférico como o Brasil, cuja língua dominada, se o constrange a lançar mão de traduções no âmbito da geopolítica do conhecimento (o que explica a razão pela qual países periféricos traduzem muito mais que países centrais), também diversifica a circulação de saberes e combate o provincianismo graças ao multilinguismo.

Palavras-chave: geopolítica do conhecimento; translation studies; multilinguismo; nacionalismo; estado novo.